

# O papel do Sociólogo na Escola

## Contributos

### CPCJ – Braga, 26 Setembro 2005

#### *Texto da comunicação*

*Emília Rodrigues Araújo*

Boa tarde a todos. Quero, desde já, e em nome da Direcção do Curso de Sociologia da Universidade do Minho, agradecer o convite para vir a esta formação no senti do de apresentar alguns contributos sobre o âmbito de abrangência do trabalho do sociólogo na escola.

Considero difícil ser-se claro quanto à definição do papel do sociólogo na escola, desde logo por duas razões fundamentais: em primeiro lugar, o trabalho do sociólogo requer uma postura pluridisciplinar, incluindo contributos de diversas áreas científicas. Em segundo lugar, porque a escola é um mundo complexo. Ao mesmo tempo que forma um espaço perfeitamente circunscrito pelos seus muros e agentes, normas e outras imposições, é um espaço que reflecte a sociedade e, portanto, as trajectórias, as histórias de vida dos que ali habitam diariamente.

Eu vou basear-me em exemplos vários que fui buscar à minha experiência de orientação de alguns estagiários, assim como a outros trabalhos relacionados com a mesa temática desenvolvidos por sociólogos integrados em projectos como este, pluridisciplinares. Algumas das pistas de intervenção que aqui apresento são também fruto da avaliação que faço contactando diariamente com educadores que enfrentam problemas vários relacionados com a escola. O que direi estará sempre, de qualquer forma, incompleto.

De modo a estruturar a minha intervenção, vou falar em dois pontos: importância do conhecimento teórico-metodológico e a panóplia de focos de intervenção sociológica.

### **Importância do conhecimento teórico - metodológico**

Ora, deve ter-se uma ideia muito bem presente quanto ao papel da sociologia na escola: a escola, não obstante possuir uma hierarquia bem definida é, à semelhança do que um autor afirmava (Karl Weik) uma organização *fragilmente ligada*, que comporta uma certa dose de caos, de imprevisão e de ambiguidade porque os processos (de trabalho) não estão perfeitamente definidos e não são conhecidos por todas as pessoas da mesma forma e no mesmo grau. Isto quer dizer que a prática sociológica na escola não se faz sem teoria e não se faz sem método. Enveredar pelo trabalho na escola impõe ao sociólogo, desde logo, a focalização da atenção sobre as regras, os imaginários e os dilemas que atravessam a escola, não só a sua, aquela em que trabalha, mas também a dos outros, a das outras regiões, a dos outros países. E esse trabalho exige o manuseio de instrumentos teóricos que lhe ensinam a olhar a realidade sob os patamares da explicação e da compreensão. A título de exemplificação, a teoria permite, entre múltiplos outros aspectos, compreender relações como o facto de as perspectivas que as crianças e os jovens têm sobre a escola implicarem uma certa ideia sobre o futuro e uma certa forma de gerir o adiamento das recompensas. A teoria dá-nos a perceber que as origens sociais são determinantes nas construções de visões sobre o que a escola é capaz de dar para além do trabalho e do estudo no tempo presente. Por isso, distinguir o que se entende por trabalho daquilo que se designa estudo, torna-se numa operação de extrema relevância. O conhecimento teórico enriquece, assim, a forma de pensar a aproximação às crianças e aos jovens, fornecendo indicações sobre as melhores

formas extrair informação aos próprios actores envolvidos, sem que estes se apercebem realmente disso. Como usualmente se afirma nas aulas de metodologia, o *importante não é só o que se diz mas o que apesar de não se dizer se diz...*

Assuntos como a relação entre a educação e a economia, a educação e a política, a realização dos currículos, os modos de criação ou de esmagamento da auto-estima e os mecanismos de marginalização dentro da escola exigem lentes especiais no seu trato. O mesmo se passa na observação da relação entre o “insucesso” escolar e a socialização incluindo a importância da linguagem e do sexo das crianças. As representações dos professores acerca do aluno “ideal”, da inteligência, ou mesmo dos estereótipos são eixos de análise sociológica. Com efeito, todas estas questões são tratadas sob o ponto de vista teórico e metodológico, pois cada problema exige um certo tacto que, grande parte das vezes, obriga a uma certa ingenuidade nos seus modos de abordagem, precisamente para que a informação se obtenha e para que se consiga avaliar o problema por dentro. Nada disto se passa, todavia, dentro de um tempo rígido. Afinal, de alguma forma, o sociólogo deverá gerir o próprio ritmo da escola e dos seus participantes.

### **Panóplia de focos de intervenção sociológica**

Acerca dos focos de intervenção sociológica, gostaria de dizer o seguinte: Distinguindo-se do trabalho do assistente social, o trabalho do sociólogo encobre-se nas tarefas de diagnóstico e de planeamento das melhores vias de intervenção avançando com medidas que atinjam os motivos pelos quais se geram problemas que, na sua expressividade, são sociais, acabam por ter implicações alargadas no âmbito da sociedade. Hoje em dia, a pesquisa e a intervenção sobre a escola conhecem um alargamento acentuado: com o insucesso escolar e a violência juvenil, incluindo o conflito inter-étnico, no centro das preocupações, as ciências sociais, e muito especialmente a sociologia, centram atenção na melhoria dos métodos de diagnóstico e de intervenção sobre problemas que, como disse, não se ligam apenas à escola mas à comunidade envolvente, à sociedade em si, aos seus modos de pensar, de estar e de actuar. É neste sentido que a sociologia, a portuguesa neste caso, inclui nas suas metodologias modos de abordagem internacionais muito especialmente franceses e britânicos, locais onde as escolas são de uma absoluta preocupação reflectindo problemas sociais graves como o desemprego, o conflito entre religiões e a entrada massiva de emigrantes.

Desde programas ocupacionais, passando pelo aumento da rigidez das normas incluindo a realização de grupos de ajuda e de acompanhamento psicológico, assim como o incentivo à prática desportiva, verifica-se o alargar de iniciativas que visam a integração das crianças e dos jovens. Estudar estas medidas e o modo como surtiram ou não efeito, é uma acção inteligente de modo a melhor delinear iniciativas para a realidade portuguesa. Para além dos problemas estritos da violência e do insucesso, e porque a realidade está toda interligada, pode-se falar de outros que são do âmbito da intervenção das ciências sociais e da sociologia. Estou a referir-me a um leque amplo, como: a relação entre a escola e outras organizações envolventes, entre as quais, as organizações ATL, as Câmaras Municipais, as Juntas de Freguesia, as associações de protecção do ambiente, as associações culturais, e claro, a própria família. E que assuntos são tratados nestes casos?

Desde logo, um que me parece de extrema importância hoje em dia: o da articulação de tempos. Numa sociedade em que o número de jovens que a partir dos 11 fica em casa sozinho aumenta consideravelmente deixando a seu cargo grande parte da socialização que se faz através dos *media* e de outras formas de ritual dentro de casa, a relação entre os tempos da escola, os tempos da família e os tempos da comunidade envolvente é absolutamente central: até que ponto os pais da escola X conseguem horários compatíveis com os dos filhos? Como ocupam estes o tempo livre após a escola? Será que esta medida de alargamento do horário escolar vai ter os efeitos desejados ou só vamos

agravar ainda mais a resistência à escola quando esta, esvaziada de actividades para fornecer aos alunos e substituindo claramente outras agências de socialização, pode ser entendida pelos próprios como um espaço sequestrado da sociedade? Como é possível sintonizar os tempos de modo a que os pais possam estar mais presentes na vida dos filhos, os horários das reuniões são aceitáveis para todos os pais que trabalham até em regime nocturno ou por turnos? É possível frequentar a biblioteca pública aos fins-de-semana? Quando as aulas começam às 9 e os portões abrem às 8:30 mas os pais começam a trabalhar às 7:30h, onde ficam as crianças? (E estas questões são básicas no meio de muitas outras).

Ora, no intermédio destas questões, está o trabalho do sociólogo sobretudo estagiário que procurará inovar e contribuir como algo de novo para a melhoria do ambiente escolar: além do diagnóstico e da constituição de boas bases de dados, realizadas com rigor em termos de categorias e de classificação dos “casos”, o sociólogo poderá intervir sobre o arranjo dos horários da escola e o dos pais, diagnosticando, por exemplo, situações de crianças não dormem as horas suficientes para no outro dia estarem atentas nas aulas, tal reflectindo-se sobre o rendimento escolar. É uma intervenção para a qual não há uma receita única mas que é possível obter-se através da ligação com outros agentes, os professores, os pais, encarregados do educação e os presidentes de junta. Além disso, o sociólogo pode contribuir para o planeamento e execução de rastreios médicos, assim como contribuir para a orientação vocacional, colaborando no diagnóstico das situações de abandono extemporâneo (por exemplo, quando o aluno ou aluna tem bom aproveitamento escolar mas prefere ir trabalhar em vez de estudar mais uns anos. Por exemplo, pode dar-se o caso de tal acontecer porque, entretanto, o namorado (o caso mais frequente) a “convence” a deixar de estudar. O que fazer nestes casos? É uma situação a analisar.

A organização de palestras especialmente direccionadas aos pais mostrando-lhes numa linguagem acessível modos de proceder mais consentâneos com a escola que desejamos, como sejam aparecer nas reuniões de escola, gerir a autoridade, organizar os seus tempos e os dos seus filhos distribuindo-os pela Internet, pelos amigos e pela televisão, assim como outras especialmente direccionadas para a prevenção de comportamentos de risco (de saúde e não só) são alguns dos pontos de intervenção que foram trabalhados por sociólogos e estagiários do nosso curso. É claro que o sociólogo deverá ter bem presente que, independentemente a associação entre o insucesso, a violência e a existência de problemas económicos e sociais das famílias, há que atender às situações em que o insucesso, o abandono e mesmo a violência muito pouco têm a ver com aqueles factos: é preciso observar outros traços das sociedades modernas, assim como os modos de socialização entre crianças e jovens para perceber que a motivação pela escola não é uma motivação construída unicamente e de forma resguardada pelos pais e pelos professores. A Internet as novas tecnologias, e televisão e os *mass media* em geral são poderosíssimos meios de socialização e isso significa que criam desvios acentuados face à escola, a tudo aquilo que não é visível e produz efeitos no presente. Por outro lado, é preciso desconstruir o paradoxo gerado entre pais e professores com uns a afirmar que são os pais que não participam e os outros a dizer que não são ouvidos: é verificável que há muitos pais que se sentem humilhados quando vão à escola, é verificável que muitos pais vêm nos professores a sua extensão e delegam-lhes toda a responsabilidade e por tanto talvez aqui se constitui também uma forma de intervenção, através de reunião, através de grupos de discussão, através de constituição de outros canais de informação. De todo o modo, o trabalho do sociólogo na escola pode ainda incidir sobre a criação (e imaginação) de outras formas de revelar a especificidade dos próprios alunos através de concursos de arte e desenho ou de iniciativas ligadas à protecção do ambiente.

Contava-me um aluno, interessado em trabalhar na área do insucesso, que na sua turma havia um colega que não conseguia entender a matemática e para quem o mais difícil era definição de ângulo recto, aliás, não conseguia “ver na prática”. Nessa altura recorda

um professor que, depois de tentar explicar por todos meios, simplesmente se deslocou para o fim a sala e usando um giz de outra cor, marcou através da parede do canto o que era um ângulo recto e para que servia tal. A partir dali o seu amigo começou a gostar da matemática...

É claro que nisto tudo, como disse no início, o sociólogo, e sobretudo se inicia a sua actividade profissional, deve juntar à imaginação e à vontade de fazer, uma grande dose de humildade e de perseverança já que nem sempre as ideias que tem sobre determinada realidade podem surtir o efeito desejado sendo, portanto, necessário ouvir os outros profissionais e começar por observar o seu trabalho para poder contribuir verdadeiramente. Também no contacto com a própria população de crianças e jovens é necessário garantir uma proximidade e uma convivência que abram as possibilidades de comunicação e não que as restrinja através da pretensão ou do distanciamento. Apesar de a Sociologia se gerir pelo pressuposto dos padrões e das leis gerais, no momento da intervenção sobram-lhe casos, casos particulares que não representando todos os casos, podem, como diz Machado Pais, representar um mundo em si mesmos. Daí ser imperioso para o sociólogo rever as metodologias qualitativas, de etnografia e de aproximação ao campo percebendo que muitas vezes os casos com os quais se vai deparar fazem parte de grupos que já se auto-classificam como diferentes e que se identificam a si próprios como grupos (casos) excluídos, catalogados (até porque fazem parte dos meninos da instituição, da reciclagem ou da recuperação) e estão, de certo modo, em estado de colisão frontal com “eles”, os pais, os professores, a escola em geral.

Gerir um tempo de aproximação com estes jovens e os seus pais é fundamental. Assim como também é necessário entender os relacionamentos entre instituições, entre as quais os tribunais, a polícia, os *mass* media e as comissões de protecção. Trata-se, por vezes, de relações tensas, carregadas de acusações de parte a parte e mediadas por formalidades imensas que exigem paciência, persistência e tacto, compreendendo que nem sempre é possível fazer o que seria desejável em determinado caso porque o trabalho prático e diria criativo, encontra-se regulado por um sistema legal que, já vimos em vários casos, ao proteger a família, coloca os jovens, por vezes, também em situações vulneráveis social e emocionalmente. Por isso, perceber o limite imposto pela necessidade da prova e do testemunho (o casos mais paradigmáticos serão os de abuso sexual, tráfico de droga e prostituição) é fundamental mas isso não deve trazer frustração. Pelo contrário, dever servir como fonte de motivação.

Avaliar como a politização de algumas escolas pode trazer prejuízos para dentro da aprendizagem é outro dos pontos de intervenção sobretudo quando as circunstancias permitem avaliar o tipo de acções que, desencantadas por via política, nada ou muito pouco têm a ver com a pedagogia desejável: um exemplo disso é a distribuição de prémios aos três “melhores” alunos do primeiro ciclo em zonas onde se verifica o insucesso escolar sem os pais, encarregados de educação e mesmo professores sejam claramente envolvidos. Outro é a realização de campanhas políticas nos portões da escola.

### **Nota final**

Nem sempre o que reluz é ouro e nem sempre a palavra dos actores diz tudo e isto significa que o trabalho do sociólogo deve ser carregado de paciência e de análise cuidada dos “motivos” apresentados pelos implicados, pais, crianças, professores e familiares. Saber analisar as situações a frio é um passo importante para a mudança adoptando uma atitude de retaguarda em relação muitas vezes aos discursos e às histórias contadas que não trazem a verdade mas são instrumentalizadas ou trazem interesses camuflados. Gerir a segurança ontológica é fulcral, apesar de esperamos que os pais cuidem e se interessem pelos filhos,

nem sempre isso acontece, há crianças que são maltratadas, há crianças que desde os dois anos de idade tratam da sua alimentação. Apesar de pensarmos que numa situação de violência doméstica contra a mulher, os familiares daquela compreendem e estão dispostos a ajudá-la, nem sempre isso acontece. Apesar de, na nossa família, creditarmos que, se nos acontecer algo como morte, emigração, álcool, droga, outras doenças, há sempre alguém da família que tomará conta dos nossos filhos e os tratará bem e com cuidados, nem sempre isso acontece: muitas crianças perdem a mãe por cancro ou doença droga e outras mas ninguém mais na família quer tomar conta, ou porque não tem possibilidades económicas, ou porque não tem espaço ou porque estão longe ou simplesmente porque a criança é irrequieta demais. Por mais que seja para nós claro e transparente que ao mínimo sinal de abuso por parte de um familiar o outro estará disposto a denunciar, muitas crianças vivem esta situação em conjugação com os próprios pais que não se denunciam, que temem as retaliações do controlo social sobre si e sobre os outros. Aprender que a nossa situação de vida, por igual ou semelhante que seja de muitos outros, delas se distingue é outro passo de gigante no ganho de maturidade. Quando perdemos a visão de um avião e adquirimos o olhar do peão, vemos uma realidade complexa, enredada, infinita e diversa e vemo-la tanto de noite como dia, naquilo que tem de problemático e naquilo que tem de linear. As possibilidades de acção multiplicam-se e vão desde a melhoria dos circuitos de comunicação de imagem (a semelhança do que estagiárias nossas, agora licenciadas fizeram num agrupamentos e escolas alterando a forma de redacção das cartas e propondo novas formas de lidar com o meio envolvente) até ao trabalho junto dos indivíduos, professores, pais e crianças.

O mundo, mesmo assim, não é amorfo e qualquer destas acções transposta ambiguidade, estratégias de poder e capacidade de gestão de conflito. Além disso, implica capacidade de ver a escola como algo que só funciona quando plenamente integrada no âmbito das transformações sociais verificadas actualmente, mormente ao nível do uso das tecnologias e da alteração nos regimes de trabalho mais flexíveis e mais precários. Mostrar que a escola não pode impor-se a estas alterações deixando aos pais a capacidade de gerir individualmente os seus problemas (por exemplo, uma colega diagnosticava que em Guimarães, numa das zonas em que se regista insucesso e abandono escolar, as mulheres têm dificuldade em aceitar os turnos da tarde porque deixam os filhos sós em casa na rua) é área de intervenção sociológica, seja participando no diagnóstico, seja no planeamento e na própria intervenção.

Muito obrigada por me terem escutado. Poderei ser mais precisa quanto alguns dos exemplos de intervenção que avancei descrevendo as iniciativas levadas a cabo relacionando com a escola.

Boa tarde.